

INTERNACIONAL

Lula usa palco do G7 para criticar retração da solidariedade internacional e protecionismo

Ajuda oficial ao desenvolvimento registrou queda histórica de 23%; o Programa de Alimentos perdeu 40% de financiamento; e a OMS e o Unicef reduziram orçamentos em mais de 20%

Paris - O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) usou esta semana a sessão ampliada da cúpula do G7 para cobrar dos países ricos o que chamou de omissão diante da crise global de desenvolvimento - e para criticar, sem citar nomes, tanto o neoliberalismo quanto o protecionismo que marca a política comercial do governo de Donald Trump, um dos participantes do evento.

“Os desafios se multiplicam, mas a solidariedade internacional encolhe”, afirmou Lula no discurso proferido na sessão dedicada ao tema “Firmar novas parcerias e reconstruir a solidariedade internacional”, em Évian.

Foi a décima participação do presidente brasileiro em cúpulas do G7 ou G8 - a primeira também nesta cidade francesa, em 2003. “Desde aquele ano estive em outras nove cúpulas do G8 ou G7. Em todas elas nos defrontamos com crises e desafios que afetam milhões de pessoas ao redor do mundo. Mas em nenhuma conseguimos construir respostas coletivas e duradouras”, disse.

Em seu discurso, Lula fez uma avaliação crítica das últimas décadas de política econômica global. Ele afirmou que os países “ficaram aprisionados em dogmas que defendem a

desregulamentação de mercados, Estado mínimo e austeridade fiscal como fins em si mesmos” e que “o neoliberalismo agravou a desigualdade econômica e a crise política que hoje assolam as democracias”.

Voltando-se para o cenário atual, disse que “o protecionismo e o unilateralismo ressurgem como respostas falaciosas para a complexidade dos nossos problemas.”

Lula citou uma série de dados para ilustrar o que chamou de retrocesso na cooperação internacional. Segundo ele, a ajuda oficial ao desenvolvimento registrou queda histórica de 23% no ano passado; o Programa Mundial de Alimentos perdeu cerca de 40% de seu financiamento; e a Organização Mundial da Saúde e o Unicef reduziram os orçamentos em mais de 20%.

“Não são cifras abstratas. Elas impactam diretamente o cotidiano dos habitantes de países em desenvolvimento”, disse. Os dados não foram verificados de forma independente pela Folha de S.Paulo.

A retórica mirava, sem nomear, os cortes promovidos pelo governo Trump na ajuda externa americana desde o início de seu segundo mandato - uma das mudanças mais abruptas



Divulgação

Foi a décima participação do presidente brasileiro em cúpulas do G7 ou G8 - a primeira também nesta cidade francesa, em 2003

na política externa dos Estados Unidos em décadas.

Lula também defendeu uma redistribuição mais ampla de recursos. “O mundo em desenvolvimento transfere US\$ 1,4 trilhão por ano em serviço da dívida, valor sete vezes superior à ajuda recebida dos países ricos”, afirmou. E cobrou um sistema financeiro diferente: “Precisamos de um sistema no qual os países não sejam obrigados a escolher entre pagar credores e alimentar suas crianças.”

Na área climática, defendeu que o financiamento global seja ampliado para ao menos US\$ 1,3 trilhão ao ano, e criticou o

ritmo de implementação do Acordo de Paris. “A COP30 voltou a evidenciar a distância entre os compromissos assumidos pelos países desenvolvidos e os recursos efetivamente mobilizados para cumpri-los”, disse.

O presidente citou iniciativas brasileiras como o Fundo Florestas Tropicais para Sempre e a Aliança Global contra a Fome, e defendeu que países detentores de minerais críticos participem das etapas de maior valor agregado das cadeias produtivas ligadas à inteligência artificial e à transição energética.

Ainda nesta terça, Lula tem prevista para as 17h20

uma reunião com a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, e com o presidente do Conselho Europeu, António Costa - o encontro mais aguardado pelo lado brasileiro em Évian.

A reunião ocorrerá em meio à tensão com Bruxelas pela suspensão das importações de carne brasileira pela União Europeia. Na véspera, Costa disse que o bloco mantém um “diálogo construtivo” com o Brasil sobre o tema, mas ressaltou que “as normas sanitárias têm de ser cumpridas” - deixando para Von der Leyen qualquer posição mais concreta após o encontro.

Como Coreia do Sul tenta levar IA à indústria para aumentar produtividade

Seul - A poucos metros de ativasões onde crianças coreanas experimentam viver profissões variadas como um idol de k-pop, operador de escavadeira e caixa de supermercado, uma atração chama a atenção pela especificidade. Nela, usando um headset de realidade virtual, visitantes são transportados para uma versão 3D de uma fábrica de semicondutores. A missão é aprender etapas básicas de um dos processos industriais mais importantes para a economia da Coreia do Sul.

A cena pode ser vista no Korea Job World, centro voltado à orientação profissional de jovens e estudantes, e ajuda a ilustrar a preocupação do país em preparar trabalhadores para uma economia cada vez mais influenciada por inteligência artificial e automação.

A preocupação não é gratuita. A Coreia do Sul ocupa posição estratégi-

ca em setores no centro da transformação tecnológica global, especialmente a indústria de chips.

Abrigar empresas como Samsung e SK Hynix, duas das protagonistas da atual corrida global por infraestrutura computacional, ajuda a deixar o país na crista da onda desse ciclo de investimentos, mas fatores como envelhecimento populacional, baixa taxa de fecundidade, escassez de mão de obra e crescente concorrência chinesa são desafios.

Nesse cenário, aumentar a qualificação da força de trabalho é parte da estratégia do governo coreano para ampliar os ganhos de produtividade associados à IA, cujo impacto hoje ainda é percebido mais na Bolsa do que na economia real. Resultados dessa ambição aparecem tanto na feira de carreiras quanto em universidades e centros de pesquisa.

Cientistas descobrem cemitério de baleias nas profundezas do oceano Índico

Camberra - Faz pelo menos 5 milhões de anos que a mesma área das profundezas do oceano Índico tem funcionado como um imenso cemitério de baleias -e, em vez de produzir cenas macabras, o processo levou ao surgimento de um ecossistema inteiro, com espécies únicas, em torno dos restos mortais dos mamíferos aquáticos. Submersíveis chineses mapearam parte da floresta submarina de esqueletos na chamada zona de fratura Diamantina, a oeste da Austrália. Detalhes sobre a biodiversidade moderna e extinta da região estão em artigo publicada na revista científica Nature.

Os autores do estudo, liderados por Xiaotong Peng, do Instituto de Ciência e Engenharia do Mar Profundo da Academia Chinesa de Ciências, identificaram quase 500 “chuvas de baleias” (em inglês “whale falls”, nome dado ao sepultamento dos grandes mamíferos

no leito marinho) numa faixa de 1.200 km de comprimento ao longo da zona Diamantina. A geologia peculiar do local foi moldada pelo processo de separação entre a massa continental da Austrália e a Antártida há cerca de 50 milhões de anos. As “chuvas de baleias” conhecidas até agora tinham sido encontradas em profundidades que vão de poucos metros a 4.000 m, mas os pesquisadores asiáticos identificaram “chuvas” consideradas ativas - ou seja, em condições que sustentam o florescimento de pequenos ecossistemas em torno dos esqueletos - a quase 7.000 m da superfície do oceano. No caso de algumas baleias fósseis, as profundidades são ainda maiores. A maior parte dos esqueletos de cetáceos pertence a baleias-bicudas, um subgrupo que inclui animais de até 13 metros e cuja aparência lembra vagamente a de golfinhos com corpo mais alongado.